

GERALDO FRANÇA DE LIMA – UM INTÉRPRETE DO CERRADO

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)¹

RESUMO:

Este trabalho apresenta uma pesquisa ainda embrionária sobre a vida e obra de Geraldo França de Lima, que foi o sexto ocupante da Cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 30 de novembro de 1989, na sucessão de José Cândido de Carvalho e recebido em 19 de julho de 1990 pelo Acadêmico Lêdo Ivo. França de Lima recebeu o Acadêmico Antonio Olinto. Nascido em Araguari, MG, no coração do cerrado do Triângulo Mineiro, autor de quatorze obras, entre romances e contos, o escritor foi amigo pessoal e secretário de George Bernanos no período que este habitou o Brasil. Além disso, recebeu todas as atenções do amigo Guimarães Rosa, que apadrinhou a edição do primeiro romance *Serras azuis*, tendo inclusive contatado o editor e discursado na primeira noite de autógrafos. Gerado França de Lima dispõe, com os familiares, de uma série de documentos, correspondências inéditas de Guimarães, Bernanos, acadêmicos amigos, dentre outros. Através desse estudo e desse resgate disponibilizado pelos membros da família, espera-se desvelar e ilustrar uma parte da biografia, das memórias e da literatura deste acadêmico ainda pouco conhecido da crítica e dos leitores.

PALAVRAS-CHAVE:

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.”
L. Tolstói

Falar em literatura implica, de alguma forma, em falar da crítica que, muitas vezes, atenta a visões circunstanciais, recortes e pormenores, cristaliza objeto e a análise literária, acabando por não observar aspectos importantes do entendimento e das reflexões estéticas e artísticas. Passa-se, equivocadamente talvez, a valorizar somente as produções mais reconhecidas, alinhadas a juízos de valor que, muitas vezes, desconsideram as relações e ambiguidades inerentes ao próprio homem, ao seu processo contínuo de se reconhecer e se construir a partir dos elementos e contradições que o identificam e, ao mesmo tempo, justificam sua busca, sua expressão e suas manifestações culturais.

¹ Betina Ribeiro Rodrigues da CUNHA. Universidade Federal de Uberlândia (UFU) betinarrcunha@gmail.com

Nesse sentido, este trabalho espera desvelar as interrogações e exercícios escriturais, significativos da cultura distanciada de um eixo convencional, cujo conteúdo revela aspectos de uma essência dinâmica, plural e reveladora de um Outro – Geraldo França de Lima, homem - essência de um Eu, o escritor, que busca se impor e se conservar pela palavra e por uma escritura substantiva. Esta investigação-provocação insiste em legitimar o reconhecimento e a valorização deste romancista, do regional, do local, do fronteiro e do universal como elementos imprescindíveis para se determinar e reconhecer as identidades recriadas. Estas destituem a cristalização canônica, alçando o “anticânone” (assim considerado pelos mais tradicionais) à condição de um olhar privilegiado da cultura e do “elogio da diferença”.

Nesse caminho, as reflexões contemporâneas acerca das noções de espaço, alteridade, fronteira, universalidade e transculturação, visam a uma correlação dentre essas mesmas reflexões na perspectiva de entendimento das diferenças e das identificações, dentro de uma formulação do reconhecimento de nós mesmos, sujeitos de identidades híbridas, mestiças, fronteira e plurais.

Pensando sobre as transformações teórico-críticas que perpassam o domínio da Literatura, pode-se justificar, para este trabalho, a escolha de um caminho crítico voltado para questões biográfico-culturais referentes a Lima, privilegiando inter-relações que apontem outros desdobramentos ao permitir delinear linhas de força da Literatura, ao mesmo tempo esperando anunciar, pelo menos, as formas narrativas, que interrogam os sujeitos ficcionais, fragmentados e ambíguos - como a subjetividade moderna que os acolhe e, ao mesmo tempo, garante o caráter essencial que mantém e justifica a perspectiva ontológica deste ser humano.

França de Lima foi o sexto ocupante da Cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 30 de novembro de 1989 na sucessão de José Cândido de Carvalho e recebido em 19 de julho de 1990 pelo Acadêmico Lêdo Ivo. Romancista e professor, nasceu em Araguari, MG, em 24 de abril de 1914 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de março de 2003.

Filho de Alfredo e de dona Corina, Com a mãe, aprendeu a ler e a escrever com a mãe. *Inocência*, de Visconde de Taunay, recomendado por seu pai, foi o primeiro livro que leu (antes de completar 11 anos). Em 1929, seguiu para Barbacena, matriculando-se

no internato do Ginásio Mineiro. Ali permaneceu por cinco anos, distinguindo-se no aprendizado de línguas e sendo um dos mais assíduos frequentadores da biblioteca. O seu primeiro escrito, descrevendo a viagem, que demandou cinco dias, pela antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas, de Uberaba a Belo Horizonte, foi publicado no jornal Araguari. Em 1932, os estudantes do último ano do ginásio, levados pela efervescência cultural de Barbacena, transformaram o grêmio literário no grupo literário Arcádia Ginasiana de Letras. Geraldo França de Lima foi eleito seu presidente e diretor do jornal *O Kepi*, seminário de ideias em Barbacena. Nesse jornal, apareceram suas primeiras poesias.

Em Barbacena, na Quarta-feira santa de 1933, conheceu por acaso João Guimarães Rosa, capitão-médico do 9º BCM da Força Pública Mineira, e uma fraterna amizade logo os uniu. Em 1934, no Rio de Janeiro, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil e obteve o primeiro emprego, como revisor do jornal *A Batalha*, de Júlio Barata, estreando também como articulista. Em 1935, Bastos Tigre publica suas poesias na revista *Fon-Fon*. Longe, ainda, de se tornar escritor, Geraldo França de Lima continuava sendo inveterado frequentador de bibliotecas e livrarias.

Em 9 de dezembro de 1938 colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas. Depois de rápida passagem por Araguari, voltou para Barbacena, onde conheceu o escritor francês Georges Bernanos, de quem se tornou amigo e confidente. Ali, iniciou vagarosamente todo o plano da obra literária.

Em 1951, acompanhando o Ministro da Justiça Bias Fortes, retornou definitivamente ao Rio de Janeiro, sendo nomeado advogado da Estrada de Ferro Central do Brasil, de onde passou para a Procuradoria Geral da República e daí para a Consultoria Geral da República. Reapareceu no *Diário de Notícias*, com o poema "Saudades sugeridas". Em 1960, Paulo Rónai oferece-lhe um espaço em *Comentário*, no qual publica o artigo "Com Bernanos no Brasil", de larga repercussão no exterior, considerado importante depoimento sobre o escritor francês.

Em 1958, tendo prestado provas públicas, foi nomeado professor do Colégio Pedro II, e posteriormente, admitido como professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFRJ. Foi assessor do Presidente Juscelino Kubitschek e do presidente do Conselho de Ministros, Tancredo Neves.

O ano de 1961 foi o ano do ingresso de Geraldo França de Lima em definitivo na vida literária. Guimarães Rosa, almoçando em casa do amigo, encontrou na escrivadinha os originais do romance "Uma cidade na província". Levou-os consigo e, entusiasmado, leu-os no mesmo dia. Pela madrugada, ao terminar a leitura, telefonou para dona Lygia, esposa do romancista e, emocionado, transmitiu-lhe sua impressão: "Ou muito me engano ou estou na frente de um grande romancista." Mudou o nome para *Serras azuis*, providenciou a publicação, indo pessoalmente procurar o editor Gumercindo Rocha Dórea. Na tarde do lançamento, na Livraria Leonardo da Vinci, em 2 de junho de 1961, Guimarães Rosa pediu a palavra e em discurso relatou sua amizade com Geraldo França de Lima, terminando com a apologia do romance. O sucesso alcançado valeu ao livro o Prêmio Paula Brito Revelação Literária 1961, da Biblioteca Pública do Estado da Guanabara. Em 1969, a União Brasileira de Escritores, sob a presidência de Peregrino Júnior, conferia o Prêmio Fernando Chinaglia a *Jazigo dos vivos*, considerado o melhor romance de 1968. Em 1972, o Prêmio Paula Brito Ficção, destinado a conjunto de obra. Em 1991, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura Luísa Cláudio de Sousa, conferido pelo PEN Clube do Brasil ao romance *Rio da vida*. Em 1994, o Troféu Guimarães Rosa foi concedido a *Folhas ao léu* como conjunto de melhores contos.

Foi casado com d. Lygia Bias Fortes da Rocha Lagoa França de Lima, que faleceu em 2002. Sofrendo a perda da visão, o acadêmico ditava seus livros à companheira. Seu último romance, *O sino e o som* foi lançado em 2002.²

A fortuna de um escritor não resulta tão somente das condições que garantiram o sucesso e divulgação "universal" de suas obras; para uma justa valoração das obras e autores, interessa verificar aquilo que os torna originais e o *vate* de um lugar, um espaço, uma localização. Assim, no caso da literatura brasileira e, especialmente de Geraldo França de Lima, alvo deste estudo, experimenta-se delinear como *as diversidades regionais se articulam com o todo nacional e o constroem* – lembrando que, assim como a nação, a região é também uma tradição inventada. (SENA, 2003,

² Dados biobibliográficos compilados com a contribuição de notas disponibilizadas pela Academia Brasileira de Letras.

p.135). Acredita-se, então, interessar ao crítico da modernidade, *a noção de região, considerada em seu processo de constituição e de acentuação de peculiaridades locais, aproxima-se à de nação, pois que adota idênticos procedimentos de construção e de afirmação. O regionalismo aparece na ficção, sublinhando as particularidades locais e mostrando as várias maneiras possíveis de ser brasileiro.* (CARVALHAL, 2003, p. 144-145).

Tal afirmação de Tania F. Carvalhal vem corroborar inúmeras passagens e depoimentos sobre França de Lima, algumas aqui apresentadas, as quais desenham esse regionalismo peculiar imprimido ao conjunto de sua obra e, em consequência, realçando a importância e valor do lirismo franciano. Guimarães Rosa, por exemplo, assim se manifesta sobre a obra *Serras Azuis*, por ele descoberta em uma gaveta do escritor araguarino:

“Mas não só de costumes – isto é, frouxa e externa crônica, exatidão de ramerrão, populoso cadastro, observação apanhada fácil, mero movimento material em relato e retrato. *Serras Azuis*, graças a Deus, por tom e espécie, vai acima e adiante, no desenho que quer e no *quid* que capta. Sua ingenuidade é meditada, sua modéstia um amável disfarce. Usa, sim, a autêntica verdade local, certa, direta, correta, de um mineiro, senão brasileiro, teor de urbe da roça, ou pequeno viver vilarejo. Sob e sobre tal pretexto, porém, quadra arredondamentos hábeis, enverga e abarca confechamento sensível, traz espírito, faz alma, tira música própria, ganha graça e íntimo ritmo.” (ROSA, 1965, contra capa)³

O sertanejo Rosa alude, com propriedade, ao romance de costumes desenhado por Lima. As “cenas”, ou capítulos – 192, ao todo - são compreendidas como crônicas e refletem um harmonioso retrato de um cotidiano ficcional, cujo título dado a cada um, ostenta também um acontecimento, ou uma personagem-habitante do lugar ou, ainda um aspecto da natureza circundante ou das questões sociais ali percebidas. Misturam-se, por exemplo, “A natureza” ao “Sobrenatural”, à “Filologia” tem-se “Forças ocultas”, dentre outros, além dos inúmeros eventos cujos títulos em francês, latim ou alemão, configuram um escritor também poliglota e amante das manifestações e acontecimentos

³ ROSA, João Guimarães. In: LIMA, Geraldo França de. *Branca Bela*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1965, contra capa

culturais cosmopolitas, até mesmo universais, que remontam ao ano de 1713, época em que se situa a trama narrativa.

A cidade – ou a região? – Serras Azuis, fica assim localizada:

“Serras Azuis!
Tropeiros
Carros de boi,
Garimpeiros,
Boiadeiros,
Mulherio,
Cachaçada,
Foguetório,
Tiros pro ar,
Truque,
Roleta,
Campista,
Pavuna,
E trinta-e-tres!
Dobrados desafinados,
Passeatas eleitorais,
Disputas de ódio e sangue!

- Quem virá orquestrar esses sons esparsos e heterogêneos, numa sinfonia pujante que te exprima a vida e te immortalize nas tuas dores e alegrias?

- Serras Azuis!

A geografia nem sequer te menciona e os dicionários não te consignam o nome!

Serras Azuis – “mais belas do que mil diamantes juntos” – perdida no meio de um chapadão, numa divisa extrema de Minas Gerais”. (LIMA, 1988, p.5)⁴

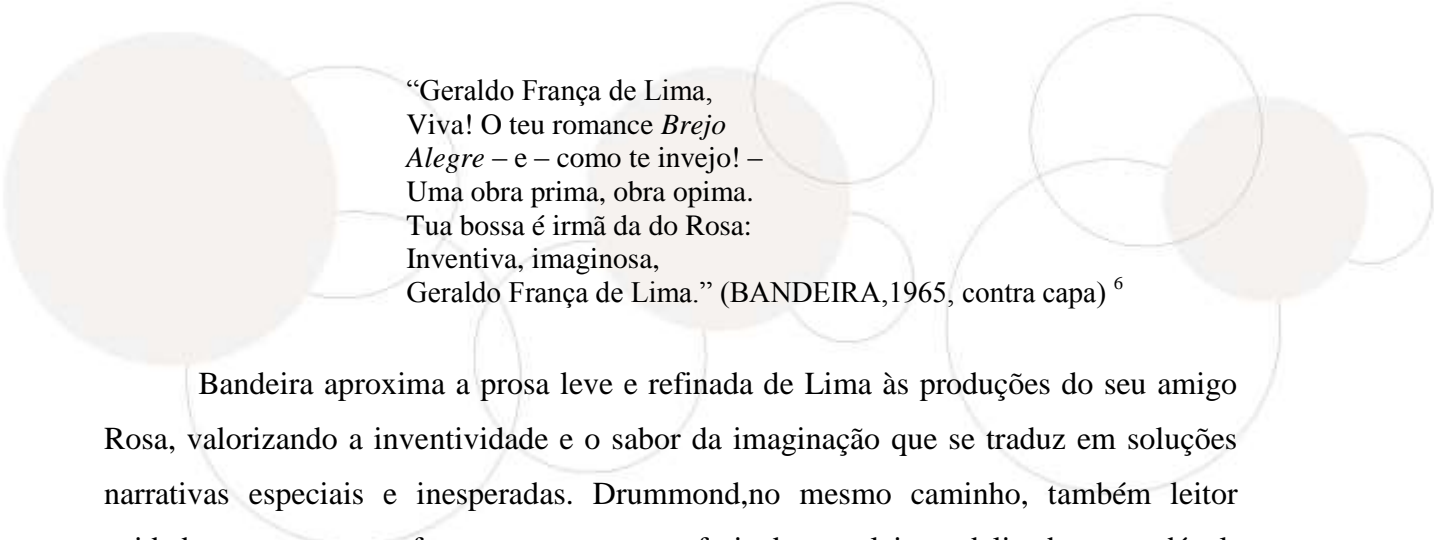
Em um espaço geográfico não detalhadamente indicado, tem-se um chapadão, uma divisa extrema de Minas Gerais e uma rica paisagem cotidiana, social, cuja memória do escritor destina sons, sonhos e lembranças à composição de uma experiência visual objetivada pela aposição em versos de imagens cotidianas, prenes de sentido e de sentimento, de uma província interiorana mas grandemente poética e lírica na sua existência reatualizada pelos sons-imagens coloridas de saudade, e, ao mesmo tempo, eternizada, em dores e alegrias, pela pureza dos mil diamantes que

⁴LIMA, Geraldo França. *Serras Azuis*. 6ª. Ed. São Paulo: D&Z computação gráfica e editora. 1988, p.5

definem a sempre azul Serras Azuis. Ou, como confirma Rosa, espírito, alma, música e graça se juntam em *locus mítico* da mineiridade e do eterno sertanejo mineiro.

Aliás, tal espaço identitário e criativo é reconhecido por inúmeros críticos e leitores abalizados entre os quais destaca-se, por exemplo, a observação do crítico Tristão de Athayde: “Geraldo França de Lima, que se havia revelado romancista de pulso, com suas violentas *Serras Azuis*, volta-nos agora, em Brejo Alegre, - o reflexo da última grande guerra no meio de vida parada, entre a grande cidade e o sertão”.⁵

Manuel Bandeira e Drummond de Andrade também leitores argutos assim resumem a obra *Branca Bela*, 3º romance do escritor, publicado em 1965.



“Geraldo França de Lima,
Viva! O teu romance *Brejo Alegre* – e – como te invejo! –
Uma obra prima, obra opima.
Tua bossa é irmã da do Rosa:
Inventiva, imaginosa,
Geraldo França de Lima.” (BANDEIRA, 1965, contra capa)⁶

Bandeira aproxima a prosa leve e refinada de Lima às produções do seu amigo Rosa, valorizando a inventividade e o sabor da imaginação que se traduz em soluções narrativas especiais e inesperadas. Drummond, no mesmo caminho, também leitor cuidadoso e atento, confessa o prazer em usufruir de uma leitura delicada e agradável: “Mas há outros prazeres no presente. Êste eu prolongo: ler gostosamente o *Brejo Alegre* que França de Lima (Geraldo) imaginou em prosa fina.”⁷

Essa prosa fina a que alude Drummond acaba por resumir a condição privilegiada de França de Lima: um ficcionista magistral, capaz de subjugar o leitor, convidando-o para a narrativa, tornando-o parte de estórias e tramas sem par. A crítica parece considerá-lo um romancista nato, cuja vocação foi se consolidando, em uma apurada construção de retratos e tipos psicológicos.

⁵ATHAYDE, Tristão. In Idem, *ibidem*, orelha

⁶BANDEIRA, Manuel. In: LIMA, Geraldo França de. *Branca Bela*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1965, contra capa

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. IN: LIMA, Geraldo França de. *Branca Bela*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1965, contra capa

Em *Branca Bela*, como aponta Brito Broca⁸, os personagens são ficcionalizados em características e tipos lapidares, movimentando-se com intimidade pelos meandros da narrativa e, ao mesmo tempo, deixando realçar elementos de uma psicologia feminina que transcendem o lugar comum para empolgar o leitor em uma proposta de convivência e de urdidura dramática que se mescla por outro lado com momentos de uma requintada ironia e um riso solto.

Sob este viés, e apesar de se aludir, em retomada, ao "regionalismo", pode-se pensar a ideia/proposta de "literatura e produção artístico cultural" seja dos nossos locais, de outros muitos locais, pelos caminhos da inclusão, dentre outros mecanismos de suporte e instrumentalização identitária. Esta, construída ou reivindicada, na modernidade, por cada um desses aparatos sensíveis que o tempo resgata pela memória e a sensibilidade valoriza no seu exercício de universalização.

Nesse sentido, e continuando a verificar elementos e temas narrativos, em *Branca Bela*, é imprescindível valorizar a narrativa deste romancista araguarino como antecipatória interrogações sobre um comportamento socio-cultural desta modernidade e dos papéis que a mulher desempenha na sociedade contemporânea – considerando a concepção de Agamben para esse termo – configurando, literária e poeticamente, a sociedade machista e patriarcal, a evolução dos gêneros e a condição da mulher como ser social e agente de suas próprias escolhas. Nesse fragmento, ainda que longo, pode-se apreciar algumas intuições referendadas pela escritura literária:

Nem sempre são flores a livraria: há instantes em que o ambiente se torna empestado e tenho de meter-me dentro de mim mesma, para não ouvir o que, alto, de propósito, conversam. Explosões de sensualismo naqueles homens incapazes, que tentam afirmar-se pela palavra, pelos gestos... Embora eu me mantenha de cabeça baixa, sinto fixados em mim seus olhares insatisfeitos. O juiz é mestre, e se está na terra o coronel Anfilóquio, deliram... Às vezes fico arrepiada. E tais, os tipos que dirigem a sociedade, que falam em moral e que condenam!

Meu pai com suas manias cíclicas, com aquela irreverência, jamais proferiu uma palavra feia. Nem me lembro de o ter visto ser estar barbeado, camisa clarinha, de gravata, paletó abotoado, sapatos limpos e impecáveis os frisos da calça.

⁸ Idem, Ibidem

*Falar mal dos outros é o assunto da livraria. O que dizem!
Excetuados os negócios serão incapazes de uma palavra séria.*

*Acompanha-me, de Seu Artur, sacristão e pai de Nora, a impressão da
infância: jeitos e trejeitos do demônio, língua impiedosa, o primeiro
comentário sobre Luisita Veras veio dele.*

*Seu Antero é fantasma, fugindo à luz e ao sol, esqueleto em
movimento: olhos morbidamente apagados, encravados nas órbitas.*

*Dr. Orestes é o menos mal-educado: desagradáveis as risadas
regozijando-se com a desdita alheia. Por entre o intervalo de cada
gargalhada, sentença doutrinariamente:*

– Mundo perdido! A licenciosidade, a promiscuidade!

*– A causa é a mulher. Lugar dela é trancada em casa. Mas vive solta,
tentando os homens – acrescenta Seu Artur porejando despeito.*

*– E você está certo, Artur, — concorda Seu Antero — a mulher é o
mal. Ainda ontem vi uma, na rua, sem meia! Que se pode esperar de
uma mulher sem meia!*

*Fervo e protesto por dentro: reduzir o conceito de mulher a um par de
meias! Moral terá sexo?*

Por que existem uma moral masculina e outra feminina?

*Infelizmente a mulher permanece propriedade e sua conduta depende
das concessões ou do tacanhismo do senhor”. (LIMA, 1974, p.49)⁹*

Os personagens são apresentados pelas suas características pessoais, morais e sociais. Cada um, à sua maneira, recebe do autor uma parcela bastante significativa do retrato de uma comunidade provinciana, na qual os interesses estão subjugados às relações impiedosas e superficiais que dominam a falta de ética e de respeito pelo outro. Por outro lado, neste mesmo desenho, ficam claras as ressalvas e olhares que desabonam todo esse grupo e sua estreita visão machista, fazendo valer o embrião de novos comportamentos – mais legítimos e precursores de uma nova moral e de uma ordem social. A mulher não pode ser vista como um “par de meias”, a moral não terá “sexo”, ou seja, a questão de gênero, ainda não discutida claramente, passa, aos olhos do autor a ser configurada dentro de uma promessa de igualdade e respeito até então não preconizadas.

Sem dúvida, esta obra, na sua maturidade e excelência, merece uma visada mais atenta e voltada para um aprofundamento de suas temáticas e diálogos interativos. Assim como as outras obras de Lima, aqui não citadas ou referenciadas por seus contextos e inegável qualidade, toda a obra do escritor araguarino guarda um destino e

⁹LIMA, Geraldo França. **Branca Bela**. Rio de Janeiro, São José: 1974, 2ª edição, p.49

uma missão vencedores, cuja força reside na possibilidade deste reconhecimento e resgate aqui alinhavados.

Sabe-se que esse primeiro degrau de apresentação literária conduzirá a uma longa trajetória crítica e reflexiva, ousando, ou prometendo, rever o lugar de França de Lima na esfera de valorização e importância na literatura brasileira. Nesse sentido, e buscando interromper essa apresentação e resgate do intérprete do cerrado, tem-se a confirmar a supremacia lírica de uma prosa calcada no cotidiano e na compreensão de um regionalismo – afeito às paisagens interioranas e provincianas de um Brasil sem idade – que se alarga a um universalismo e a uma conjunção transcultural, em que as inúmeras relações dialogam com as heranças plurais e interativas de um caldo sociocultural identitário e, ao mesmo tempo, político e ideológico.

Com todos esses ingredientes e percorrendo o mundo criado por Lima, encontra-se uma escritura delicada, poética, de refinado gosto, mas também atenta à dinâmica das relações sociais, afetivas e existenciais. O acadêmico recria um mundo sensível, desvelando até mesmo aos estrangeiros, a imensidade do universo Brasil, explicado, contado com seu próprio sentido, particular, de valorização poética e lírica.

Assim e inconcluindo, pode-se resumir, ainda que rapidamente, a obra de Geraldo França de Lima como uma disponibilidade para o gozo da experiência estética, o cultivo e o reconhecimento de uma experiência de sensibilidade, e, ao mesmo tempo, a capacidade de concentrar em uma bela obra de arte, valores fundamentais e atemporais da vida humana. Mais uma vez, a invenção poética de França de Lima eterniza o universal a partir de desenhos e visões de um universo regional ou cotidiano, que instaura o movimento transcultural e identitário como um pilar de sensibilidade e poesia.